

F.H. em viagem

# Um dia de gafes e broncas

## FH aponta broche inexistente e evita perguntas diretas

MAPUTO – Nos dois dias que passou em Moçambique, o presidente Fernando Henrique Cardoso viveu situações incômodas e cometeu gafes. O primeiro mal-estar ocorreu ao fugir das perguntas sobre o ex-assessor Eduardo Jorge Caldas, afirmando que se tratava de assunto interno, diante de cinco presidentes estrangeiros que só falaram de assuntos particulares de seus países. Depois, na ânsia de demonstrar o empenho do governo em combater a Aids, disse que sempre usava o broche-símbolo do programa, mas não o encontrou no paletó, e teve que mostrar o que estava no terno do colega moçambicano, Joaquim Chissano.

“Trago aqui este símbolo (um broche em formato de laço de fita na cor vermelha)”, disse o presidente, no encerramento da 3ª Cúpula de Chefes de Estado e de Governo dos Países de Língua

Portuguesa, ocorrida na capital moçambicana. Olhando a lapela do paletó, sem encontrar o broche, não se intimidou, e, virando-se na direção de Chissano, apontou: “Este aqui, para demonstrar a consciência da necessidade de combate à Aids ou à Sida, como falam por aqui, é sempre presente.”

Antes, Fernando Henrique tinha dado uma bronca nos jornalistas brasileiros, que insistiram em fazer perguntas sobre as denúncias contra o ex-assessor da Presidência Eduardo Jorge. Segundo ele, as perguntas eram relativas a questões internas e o destaque deveria ser dado às discussões ocorridas durante as reuniões da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, formada por Brasil, Portugal, Angola, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Guiné-Bissau.

**Irritação** – No entanto, o presidente português Jorge Sampaio só se manifestou para declarar que não há discriminação racial contra africanos no seu país, apesar das denúncias. “Quero repudiar

qualquer tipo de manifestação de discriminação racial”, disse ele, evidentemente irritado.

Em seguida, foi a vez do presidente de Guiné-Bissau, Kumba Yalá, que chamou a atenção pelo gorro vermelho que usava (tradição da nação Yalá para identificar homens adultos e circuncidados). Ao ser perguntado se os militares poderiam tomar o poder em Guiné-Bissau, país que acabou de sair de um ano e meio de guerra, respondeu: “Os militares entendem da doutrina militar, que eu não entendo. E eu entendo da democracia, que eles não entendem.”

O presidente de Moçambique, Joaquim Chissano, também falou do maior problema interno que enfrenta – as críticas da oposição –, negando que estivesse “fechado” para o diálogo. Já o representante do governo de Angola, o presidente do Parlamento, Roberto de Almeida, negou falta de liberdade de imprensa em seu país, que está em guerra há mais de 40 anos e sofre constantes denúncias de corrupção e malversação do dinheiro público.